

**DIÁLOGO POR CIMA DOS MUROS
AS ENCÍCLICAS DE JOÃO XXIII E O DESENVOLVIMENTISMO CATÓLICO
BRASILEIRO**

Wellington Teodoro da Silva *

RESUMO: Este artigo trata das influências da encíclica *Pacem in Terris* por sobre a esquerda católica brasileira até o ano de 1964. Esperamos demonstrar que esses católicos não construíram uma compreensão religiosa e política da realidade distanciada de Roma. Pelo contrário, o papado de João XXIII foi pródigo em argumentos para a sua teologia política. Utilizamos o jornal *Brasil, Urgente* como fonte primária da pesquisa que resultou neste artigo. O tema *paz na terra* reveste-se de particular interesse por ter sido elaborado no século XX, momento no qual a violência pareceu conhecer seu paroxismo.

PALAVRAS-CHAVE: Papa João XXIII, Esquerda Católica Brasileira.

**DIALOGUE OVER THE WALLS
THE ENCYCLICALS OF JOHN XXIII AND BRAZILIAN CATHOLIC
DEVELOPMENTALISM**

ABSTRACT: This article deals the influences of the encyclical *Pacem in Terris* over the catholic left until 1964. We hope to demonstrate that these catholicis heve not buil a political and religious understading of reality far removed from Rome. Rather, the papacy of John XXIII was profuse in his arguments for political theology. We used the newspaper *Brasil, Urgente* as the primary source of research that resulted this article. This theme of peace on earth had particular interest for having been developed in the twentieth century: the moment where violence seemed to know his paroxysm.

KEYWORDS: Pope John XXIII; Catholic Left Brazilian

Voltando de Roma, um velho bispo lamentava-se aos seus padres: “Rezem, meus irmãos. O diabo está no Concílio. Só se fala em renovação, em modernização, em adaptação...” Momentos depois, chega seu jovem bispo coadjutor. “Meus irmãos – diz ele – que beleza. O Espírito Santo está presente no Concílio. Só se fala em renovação...”

Coluna Notas e Informações

Jornal Brasil, Urgente. Ano I. N. 1. 17/03/1963

1. João XXIII: o carisma

O estudo da história política do cristianismo católico brasileiro da segunda metade do século XX pede a compreensão dos grandes temas desse momento histórico. Esses cristãos

* Doutor em Ciência da Religião pela UFJF. Professor do Departamento de Ciência da Religião da PUC Minas. Desenvolve trabalhos no campo do catolicismo no Brasil Republicano, com ênfase para a esquerda católica e o golpe de Estado civil militar de 1964. Autor de artigos, capítulos e textos em anais de simpósios nacionais e internacionais. Co-organizador do livro **O sagrado e o urbano – diversidade, manifestação e análise**, editado pela Editora Paulinas em 2008. Contato: wteodoro@pucminas.br

inserir-se na arena política premidos por esses temas que, em muito, ultrapassaram as fronteiras clássicas da política. Guardando as suas singularidades, nas questões brasileiras encontramos ecos das questões comuns aos demais países. O planeta passava pelas grandes questões das revoluções e das contrarrevoluções. Naquele momento, esses católicos viam-se diante de duas alternativas hegemônicas o *liberalismo capitalista* e o *comunismo ateu*. Ambos já condenados pelas encíclicas papais. O pontificado de João XXIII elabora uma estratégia de distensionamento no momento em que a guerra nuclear era possibilidade real, como demonstrou a crise dos mísseis soviéticos em Cuba. No catolicismo, principia um movimento novo: abrir mão da prática do anátema e convidar os sujeitos em divergência para o diálogo.

O título deste artigo foi inspirado em uma matéria do jornal *Brasil, Urgente*, jornal de católicos de esquerda, que circulou no Brasil entre março de 1963 e março de 1964, data em que foi fechado pelo golpe de Estado Civil Militar de lastimável memória e inaquilatável atraso para a vida política do país. A matéria “Diálogos por cima dos muros” de autoria de frei Carlos Josaphat, publicada na primeira edição do jornal, datada de 17 de março de 1963, trata do diálogo de dezoito minutos entre o genro e a filha de Krushev e o papa João XXIII. Esse encontro aconteceu após um longo e discreto trabalho da diplomacia vaticana e do Secretariado para a União dos Cristãos com representantes do Kremlin, que resultou na libertação do arcebispo ucraniano Dom Josef Slipvj, feito prisioneiro por dezoito anos até aquele momento. Segundo Josaphat, eventos como esse faziam a opinião pública internacional ter maiores esperanças nas possibilidades reais de o mundo entrar em uma era de diálogo. A matéria trata também da possibilidade de um encontro entre o papa e o primeiro ministro soviético e considera que esse novo espírito de abertura do catolicismo acontece, não por acaso, em pleno desenvolvimento do Concílio Vaticano II. Sobre ele, frei Carlos afirma que,

Num plano menos sensacional, mas bem mais profundo, o Segundo Concílio do Vaticano vem se desenrolando num clima cordial e de intenso diálogo entre líderes religiosos de todos os continentes, de todas as cores e mentalidades. Sob a bondosa orientação desse Papa tão providencialmente universal, a Igreja não se resigna a ser ocidental. Ou oriental. Ou latina. Ou grega. A primeira proclamação conciliar ao mundo não foi contra adversário algum. Não foi anticomunista. Não foi antiprotestante. Foi, isso sim, um apelo à Paz entre todos os homens. É uma denúncia das “misérias e injustiças sociais”, fonte das discórdias e das guerras.¹

¹ Jornal **Brasil, Urgente**. N. 1. 17 de março de 1963. p. 9.

A aproximação de João XXIII com o Leste acontece por força de sua figura singular e sua vontade pessoal e não como um movimento natural das estruturas curiais. E não poderia ter sido assim. Ele herdou uma instituição que se estagnou sob o poder centralizador e inseguro de Pio XII². Iniciar o contato com os cristãos não-romanos e com os marxistas foi o ato que lhe era possível. A reforma curial, mais longa e complexa, ele deixou a cargo de seu sucessor, já que compreendia que o avançar da sua idade não lhe daria tempo suficiente para uma tarefa dessa envergadura.³

O estudo desse pontificado oferece amplas possibilidades de análises por ter acontecido num momento de forte inflexão dessa instituição planetária e multissecular. Seu papado possui uma das matérias primas que mais delicia o historiador e os seus leitores: o improvável que se efetiva. E haja improvável: João XXIII promoveu o maio de 1968 na Igreja Católica antes do maio de 68 acontecer nas ruas!

O anúncio do Concílio vaticano II e os seus rumos promoveram mudanças profundas nessa instituição possuidora de um dos mais brutais pesos inerciais do ocidente. E isso a deixa sempre em defasagem diante da história. Entretanto, cabe o registro, esse peso não enrijece outras instituições: a história também é mais lépida que o Estado e a universidade, por exemplo. Essa rápida transformação na Igreja Católica é admirável por ser promovida por um papa eleito para ser transitório. Um mandato tampão. João XXIII não era um dos papáveis e deixou registros disso. Os alfaiates vaticanos sequer tinham feito as indumentárias que lhe serviriam para o conclave que o elegeu...⁴

Esse pontífice possuía um carisma particularíssimo que incentivou, inclusive, publicações sobre o seu bom humor⁵. Sua personalidade, assim como suas encíclicas sociais, ultrapassou o mundo católico. No livro *Homens em tempos sombrios*, Hannah Arendt o incluiu em um texto que atenta para esse carisma de confiança que Ângelo Roncalli inspirou para além do seu redil de fiéis. A autora principia seu texto chamando-o de um cristão no trono de Pedro, parecendo compreender estranhamente que o episcopado e o trono de Pedro eram lugares blindados ao acesso de cristãos. A filósofa diz que sua camareira, por ocasião da morte de Roncalli, colocou-

² Essa análise da estrutura curial foi feita pelo Secretário de Estado de João XXIII, Cardeal Tardini, por ocasião do primeiro aniversário da morte de Pio XII. Conferir em RICCARDI, Andrea. em BEOZZO, José Oscar e ALBERIGO, Giuseppe, 1993.

³ Cf. RICCARDI, Andrea em BEOZZO, José Oscar e ALBERIGO, Giuseppe, 1993.

⁴ Cf. ARENDT, 1957.

⁵ KLINGER, Kurt. 1965.

lhe uma pergunta que ocupou demoradamente sua atenção: “Senhora, esse papa era um verdadeiro cristão. Como podia ser isso? E como aconteceu que um cristão se sentasse no trono de São Pedro? Ele primeiro não teve de ser indicado bispo, e arcebispo, e cardeal, até ser finalmente eleito como papa? Ninguém tinha consciência de quem ele era?”⁶ A análise seguinte de Arendt impressiona. Ela reputa uma honestidade espiritual singularíssima nesse homem. Nesse texto encontramos passagens como: “A enorme força dessa fé nunca se tornou mais evidente do que nos ‘escândalos’ que inocentemente provocou, e a sua estatura só pode rebaixar se se omitir o elemento de escândalo”.⁷

Sobre essa inocência, pensamos que a autora referia-se ao seu humor. Como a história que se conta sobre a presença de alguns encanadores que haviam chegado para concertos no vaticano. “O papa ouviu um deles praguejar em nome de toda a Sagrada Família. Ele saiu e perguntou educadamente: ‘Você tem de fazer isso? Não pode dizer simplesmente *merda* como nós?’”⁸ Todos tinham uma história para contar sobre o papa. Existem outras, como a que conta que um dia estava o papa a passear pelos jardins vaticanos acompanhado por um eminente visitante canadense. Esse lhe perguntou, para quebrar o silêncio, quantas pessoas trabalhavam no Vaticano e João XXIII, “que não estava disposto a conversar, respondeu brevemente: ‘a metade’”.⁹

Arendt identifica o seu “verdadeiro desapego às coisas desse mundo, a magnífica liberdade de preconceitos e convenções”¹⁰ e a seguir narra a história: “quando protestou contra o fechamento dos jardins do Vaticano durante os seus passeios diários e lhe disseram que não era adequado a sua posição expor-se à vista dos mortais comuns, ele perguntou: ‘Por que as pessoas não deveriam me ver? Eu não me comporto mal, me comporto?’”¹¹ Há, também, a sua grande presença de espírito. “Num banquete do corpo diplomático, quando era núncio apostólico na França, um dos cavalheiros quis embarçá-lo e fez circular pela mesa uma foto de uma mulher nua. Roncalli olhou para a figura e devolveu-a ao Sr. N., com a observação: ‘Sra. N., suponho.’”

De acordo com Arendt, o encanto dessas histórias subverte aquilo que se espera da linguagem cotidiana do papa, que deveria ser cheia de mistérios e reverência. Por fim, considera tocante o ato que, segundo ela, está em total acordo com o exemplo de Jesus e que teve lugar na

⁶ ARENDT, 1957. p. 59.

⁷ ARENDT, 1957. p. 60.

⁸⁸ ARENDT, 1957. p. 60.

⁹ KLINGER, 1965. p.97.

¹⁰ ARENDT, 1957. p. 62.

¹¹ ARENDT, 1957. p. 62.

conclusão de uma audiência extremamente controversa com os representantes da Rússia Comunista com o núncio, quando o papa diz: “E agora chegou a hora, com sua permissão, de uma pequena bênção. Afinal, uma bençãozinha não pode fazer mal. Aceitem-na como presente”.¹²

Sobre seus “escândalos” pensamos que Arendt referia-se aos seus atos inesperados, desconcertantes e de coragem. Ela narra, por exemplo, que, durante o tempo em que era Delegado Apostólico na Turquia, Roncalli entrou em contato com organizações judaicas e chegou a impedir que o governo turco, em certa ocasião, “embarcasse para a Alemanha algumas centenas de crianças judias que haviam escapado à Europa ocupada pelos nazistas”.¹³ Muito embora não fosse dado a rompantes, há o registro que segue:

Nessa época, porém, se permitiu apenas uma explosão. Logo a pós a eclosão da guerra contra a Rússia, foi abordado pelo embaixador alemão, Franz Von Papen, que lhe pediu que usasse sua influência em Roma para obter um franco apoio do papa à Alemanha. “E o que vou dizer sobre os milhões de judeus que seus conterrâneos estão assassinando na Polônia e na Alemanha?” Isso foi em 1941, quando o grande massacre mal começara.¹⁴

2. A recepção das encíclicas sociais de João XXIII no Brasil

Esses novos ventos chegam ao Brasil e criam desembaraços para os setores do catolicismo empenhados no desenvolvimento e modernização política do país através das reformas de base, muitos dos quais ligados aos movimentos específicos da ação católica. Esses católicos encontraram nas encíclicas *Mater et Magistra* e *Pacem in Terris* fundamentos para suas proposituras.¹⁵ Dentre esses setores, destacamos o jornal *Brasil, Urgente*. Ele publicou uma grande chamada na capa de sua edição de número 2, de 14 de abril de 1963, com o título *João XXIII! Paz com justiça* para a matéria “Papa equaciona a salvação da humanidade: paz = verdade + justiça + caridade = liberdade”. O texto informa que a encíclica *Pacem in Terris* surpreendeu o mundo pela sua grande repercussão e pela importância de seu conteúdo que se dirigia também a todos os homens de boa vontade e não apenas à comunidade de fiéis.

¹² ARENDT, 1957. p. 64.

¹³ ARENDT, 1957. P. 61.

¹⁴ ARENDT, 1957, p. 61.

¹⁵ As demais encíclicas sociais, a partir da *Rerum Novarum*, foram compondo o ideário desse movimento que veio tomar corpo na chamada esquerda católica da década de 1960.

A edição seguinte desse jornal publica outra matéria sobre essa encíclica, qual seja: “Mundo (unânime) aplaudiu a nova encíclica de João XXIII”. A matéria tem início afirmando os motivos da repercussão universal e unânime dessa carta papal, tanto no ocidente quanto no oriente, “da parte de correntes e grupos diversos”. Pontua também que embora a paz não seja tema novo em uma encíclica, na *Pacem in Terris* ela encontra maior amplitude e profundidade. Ainda, a considera um texto de real beleza literária, “dentro dos moldes de austeridade, usuais no estilo do Vaticano.”

Sobre as repercussões internacionais, cita comentários feitos em diversos países do mundo: América do Norte, Europa e URSS. Todos elogiosos. Contudo, uma exceção ocorreu, a ditadura de Franco “tremeu (...) diante das palavras do Papa”. No Brasil, a encíclica recebeu apoio de quase toda a imprensa. Apenas o Estado de São Paulo, em que pese um editorial elogioso, teceu comentários de um dos seus principais articulistas sobre a carta. Segundo esse comentário, o Papa abria possibilidades maiores para a infiltração comunista nos países em desenvolvimento ao pontificar sobre a necessidade de diálogo entre cristãos e não cristãos, dentre eles os marxistas.

Não foi menor a repercussão do documento no Brasil. Do presidente da República aos líderes políticos, estudantes, sindicais, todos aplaudiram a encíclica. Destaque-se opiniões sobre a mesma, cheias de louvores, feitas pelos srs. Alceu Amoroso Lima, Jânio Quadros, Leonel Brizola e Luis Carlos Prestes. O último chegou a chamar o Sumo Pontífice de paladino da paz entre os homens.

Efetivamente, as duas encíclicas sociais de João XXIII repercutiram notavelmente para além do meio católico. A carta *Pacem in Terris* foi tema de cursos, conferências e até de debates em televisão, como o ocorrido na TV Itacolomi, em Minas Gerais, quando o deputado do PSD, Armando Falcão, afirmou ter sido de má fé a indicação, apoiada por Miguel Arraes, do papa João XXIII para o Prêmio Nobel da Paz feita pela União Nacional dos Estudantes, através do seu presidente Vinícius Caldeira Brant. Um jornalista que participava do debate saiu em defesa de Brant e leu trechos da encíclica na intenção de demonstrar a legitimidade da indicação. Sobre a reação dessa carta nos meios estudantis, cabe dizer ainda que o Centro Acadêmico XI de Agosto do curso de Direito da Universidade de São Paulo redigiu uma carta ao Pontífice Romano solidarizando-se com a sua indicação para o referido prêmio.

As reações claramente contrárias à encíclica procederam de setores e pessoas que compunham as forças que vieram a formar o cenário de atores que promoveram o golpe civil militar de 1964. O jornal *Brasil, Urgente*, em sua condição de mídia militante da esquerda católica, que reunia católicos revolucionários e nacionais desenvolvimentistas nos permite o acesso a esse debate. Em sua edição de número 12, de 2 a 8 de junho de 1963, ele publica o artigo “Donos de jornais e privilégios investem contra a Igreja - “Estadão”: Farisaísmo e Impostura”, no qual ataca os editoriais do jornal “O Estado de São Paulo” por criticarem os pronunciamentos do cardeal arcebispo de São Paulo, Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, em apoio à *Pacem in Terris*. Nesse artigo, encontramos o fragmento sobre Júlio de Mesquita, proprietário do “Estadão”.

chega-se ao supremo ridículo: Um velho dono de jornal, ao que tudo indica, racionalista e positivista, se mete a pontificar como sisudo mestre da Igreja, convencido de que é a palmatória de seus bispos. Dá conselhos. Repreende. Promete discretamente, em recompensa à suspirada docilidade, abrir, de par em par, seu jornal imenso, em apoio à Hierarquia.

Essas encíclicas criaram condições para que setores da Igreja Católica legitimassem a sua retirada para um novo lugar. Em que pese a sua natureza religiosa, ou precisamente por causa dela, essa instituição cumpria um papel relevante em qualquer macro estratégia política no país e no mundo. Os setores liberais que vieram a colaborar na promoção do golpe de 1964 perceberam essa mudança de rumos e dirigiram seus canhões contra os setores do catolicismo e da sociedade civil que apoiavam esses novos documentos pontifícios e também contra os próprios documentos: a direita brasileira arrogou-se a função de “pontificar”. Segundo essa mesma matéria do hebdomadário *Brasil, Urgente*, o cardeal Mota, por seu lado, apenas seguia fiel às orientações do papa João XXIII, coisa que lhe cumpria na sua condição de prelado. No outro lado, estavam Júlio de Mesquita, Assis Chateaubriand e João Mendes, donos das grandes imprensas e representantes das forças conservadoras, farisaicas que se voltam contra a Igreja quando essa denuncia as injustiças, as imposturas e afirma a necessidade de reformas.

Como o IBAD, o IPES, os donos de “O Estado de São Paulo” e dos “Diários Associados” representam essa crosta de reação contra a força renovadora do Evangelho. Antepõem-se como peso morto, face ao dinamismo da Igreja, que sob orientação de João XXIII e o sopro do Espírito, se empenha na pregação da Justiça Social, da extensão efetiva dos direitos fundamentais a todos os homens.

A quinta parte da encíclica *Pacem in Terris*, que trata das diretrizes pastorais, promoveu, de maneira particular, a reação entre os setores conservadores do Brasil. Ela aponta para a necessidade de construir o diálogo com o outro na compreensão de sua diferença. Portanto, e importante frizar, as estratégias de demonização do comunista perdem argumentos dentro da tradição do catolicismo oficial. E isso causava problemas nas grandes estratégias contra o bloco socialista que se fundava em larga medida na propaganda que construía a imagem do comunista como um inimigo da espécie humana, demonizando-o. Segue a íntegra do parágrafo 158, que se refere às relações entre católicos e não católicos no campo econômico, político e social:

Não se deverá jamais confundir o erro com a pessoa que erra, embora se trate de erro ou inadequado conhecimento em matéria religiosa ou moral. A pessoa que erra não deixa de ser uma pessoa, nem perde nunca a dignidade do ser humano, e, portanto, sempre merece estima. Ademais, nunca se extingue na pessoa humana a capacidade natural de abandonar o erro e abrir-se ao conhecimento da verdade. Nem lhe faltam nunca neste intuito os auxílios da Divina Providência. Quem, num certo momento de sua vida, se encontre privado da luz da fé ou tenha aderido a opiniões errôneas, pode, depois de iluminado pela divina luz da fé, abraçar a verdade. Os encontros nos vários setores da ordem temporal, entre católicos e pessoas que não têm fé em Cristo ou têm-na de maneira errônea, podem ser para estes ocasião ou estímulo para chegarem à verdade.¹⁶

Os setores de esquerda do catolicismo brasileiro estavam inseridos entre os demais setores da esquerda organizada e percebiam que o elemento comunista encontrado no dia a dia de suas militâncias elaborava uma compreensão sobre as causas da pobreza que coincidia com as suas: a estrutura capitalista de organização da economia era responsável pelas grandes questões econômicas causadora da pauperização de grandes massas. Embora houvesse uma clara distinção quanto a natureza da visão de mundo e do humano, um e outro se compreendiam solidários na necessidade de superar as estruturas do sistema econômico concentrador de riquezas.

Essa mútua compreensão chegou a produzir equívocos conceituais entre os setores conservadores como pode-se observar no evento da prisão do monge beneditino dom Jerônimo de Sá Cavalcanti. Esse evento aconteceu após a denúncia de um estudante que afirmara que o religioso havia dito ser favorável ao uso da violência, à maneira cubana, para a realização das reformas no país em uma conferência na Universidade Federal da Bahia.

Durante o seu interrogatório o monge foi perguntado se era comunista e sobre o conteúdo de sua pregação. Ao afirmar que o conteúdo de sua pregação eram as encíclicas *Mater et*

¹⁶ JOÃO XXIII., p. 617. 1963 (Editado no Brasil pela Livraria José Olympio Editora).

Magistra e Pacem in Terris, ele ouviu de um capitão que esta última encíclica era “um documento dentro da linha justa de Moscou”.¹⁷ O religioso, em suas pregações, afirmava que o operário tinha uma missão que ele “ousava” chamar de divina e era importante informá-lo dessa missão. O combate ao comunismo, por seu lado e segundo o monge, estava sendo feito por vias históricas que não alcançavam a causa e a natureza do problema. Sá Cavalcanti perguntou para esse oficial sobre o direito do exército de interrogá-lo. O militar afirmou que o Brasil estava em um período pré-revolucionário e por isso os militares tinham o direito de questionar qualquer cidadão.¹⁸

A confusão e o medo de uma mudança de lugar da Igreja Católica atormentavam os setores conservadores brasileiros até após a morte do João XXIII e a eleição do Papa Paulo VI. Em um artigo sobre a eleição desse segundo papa, Alceu Amoroso Lima registra alguns absurdos como o discurso do líder governista da Assembléia Legislativa da Bahia que encontrou para seu desabafo essa sentença deliciosa: “os comunistas alcançaram uma grande vitória: elegeram um papa comunista”.¹⁹

2.1. As encíclicas, os católicos nacional desenvolvimentistas e as reformas de base

Os católicos de esquerda inseridos entre os setores nacionais desenvolvimentistas eram parte ativa dos setores que defendiam a realização das reformas de base. Nesse momento de grande efervescência, foi inaugurado o Congresso pelas Reformas de Base para o Povo Brasileiro. A Comissão Executiva Provisória do Congresso estava sediada no sindicato dos bancários de São Paulo e era formada por diversas organizações, tais como, os jornais *Classe Operária*; *Novos Rumos* e *Brasil, Urgente*; o Partido Socialista Brasileiro; a Política Operária – POLOP; a Ação Popular; a União Nacional dos Estudantes; a União Estadual dos Estudantes de São Paulo; as Ligas Camponesas; o Partido Trabalhista Brasileiro; o Movimento Trabalhista Renovador; o Partido Democrata Cristão; a União das Cooperativas do Brasil – ULTAB; Federação dos Bancários; a Frente Nacional do Trabalho e a Frente Nacional Parlamentar, essa ainda em entendimentos no momento em que o *Congresso* estava em seu movimento de fundação.

¹⁷ Jornal **Brasil, Urgente**. Ano I. N. 16 de 30 de junho a 6 de julho de 1963. p. 7.

¹⁸ IDEM.

¹⁹ LIMA, Alceu Amoroso. Quatro Papas. Jornal **Brasil, Urgente**. Ano I. N. 16 de 30 de junho a 6 de julho de 1963.

Além dos membros fundantes, o *Congresso* recebeu o apoio de diversas lideranças religiosas, sociais e políticas e de vários setores da sociedade civil organizada, como Dom Jorge Marcos, bispo de Santo André, Clodsmidt Riani, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria (CNTI), Partido Operário Revolucionário (POR), Movimento Esquerda Revolucionária (MER), União dos Ferroviários de Sorocaba, Dom Avelar Brandão Vilella, bispo de Teresina entre outros.

Frei Carlos Josaphat que, naquele momento, exercia uma liderança que ultrapassava os setores do catolicismo, sendo, efetivamente, uma liderança da forças de esquerdas do Brasil, foi convidado para fazer uma conferência no ato de fundação do *Congresso*. A conferência foi proferida com o título de *Reformas de base e consciência cristã*. No primeiro ato de seu discurso, ele situa o seu lugar de cristão e que a sua participação e a dos demais cristãos defensores das reformas de base era decorrência do Evangelho e da própria consciência cristã. No segundo movimento de seu discurso, ele busca detalhar qual a reforma que se pretendia e afirmou que os cristãos defendiam as reformas autênticas e radicais. A realidade brasileira exigia reformas em profundidade e não meros retoques de superfície que cumpriram a função de paliativos que anestesiariam os anseios populares. Por força da caridade²⁰, os cristãos deveriam ser uma força renovadora da realidade, superando estruturas arcaicas e injustas. Portanto, eram estimulados a compor o ambiente de mobilização da sociedade civil propondo que as reformas acontecessem no sentido do bem comum, num clima pacífico e democrático.

Seguindo no espírito da *Pacem in Terris*, Josaphat afirma que a convivência entre diferentes setores da sociedade civil que desejavam a reforma não implicava em nenhum compromisso em matéria de religião e de moral. As reformas postuladas pelo cristianismo não se identificavam com a revolução materialista e ateia. Citando também a encíclica de João XXIII *Mater et Magistra*, ele afirma que as reformas são justas em si mesmas e podiam e deveriam congregar a boa vontade de todos os brasileiros.

Nessa conferência de abertura do Congresso do Povo Brasileiro para as Reformas de Base, para diversos setores da sociedade civil, frei Carlos Josaphat cita textualmente o seguinte fragmento da encíclica *Pacem in Terris*

²⁰ Necessário lembrar que esse frade é tomista e trata da caridade segundo Tomás de Aquino. Sobre esse tema ver AQUINO, 2004. Questão 23 até 46.

As linhas doutrinárias traçadas nesta Encíclica brotam da própria natureza das coisas e, as mais das vezes, pertencem à esfera do direito natural. A aplicação delas oferece, por conseguinte, aos católicos, vasto campo de colaboração, tanto como cristãos separados desta Sé Apostólica, como com pessoas sem nenhuma fé cristã, nos quais, no entanto, está presente a luz da razão e operante a honradez natural. Em tais circunstâncias, procedam com atenção os católicos, de modo a serem coerentes consigo mesmos e não descerem a compromissos em matéria de religião e de moral. Mas, ao mesmo tempo, mostrem espírito de compreensão, desinteresse e disposição a colaborar lealmente na consecução de objetivos bons por natureza, ou que, pelo menos, se possam encaminhar para o bem.²¹

Essa orientação pastoral é recebida pelos setores de esquerda do catolicismo como a legitimidade pontifícia de uma realidade que já vinha acontecendo no Brasil e alhures: o contato de cristãos com não cristãos, com destaque para o comunista, no ambiente da operosidade política com vistas a objetivos que se coincidem em momentos relevantes. A necessidade de se reformar as estruturas sociais, econômicas e políticas do país era um ponto de convergência desses sujeitos.

A questão da reforma agrária é um bom exemplo para pensar essa questão. Os argumentos favoráveis a sua realização defendiam a ideia de que ela modernizaria as relações econômicas e sociais no meio rural; impediria que grandes extensões de terras improdutivas continuassem sendo usadas para fins de especulação imobiliária; o latifúndio deixaria de ser um bem simbólico de poder para chefes políticos locais, regionais e nacionais. Não havia nada de ordem doutrinária que impedisse os cristãos de defenderem a realização dessa reforma. Portanto, os cristãos poderiam agir pontualmente nessa questão ao lado de grupos distintos, como os comunistas. Esse é o sentido do fragmento da *Pacem in Terris* citado por Josaphat.

Logo, a convivência entre diferentes setores da sociedade civil que desejassem as reformas não implicava em nenhum compromisso de matéria moral ou religiosa. As reformas que os cristãos propunham não tinham nenhum grau de parentesco com a revolução materialista e ateia. É recorrente em Josaphat a citação das encíclicas sociais de João XXIII para afirmar que as reformas de base eram justas por si. Notamos que esse processo era compreendido como revolucionário e já estava acontecendo no Brasil. Havia a ideia de que o país passava por um processo revolucionário. Todavia, os setores desenvolvimentistas do catolicismo ocuparam-se em retirar o monopólio compreensivo da revolução como um ato necessariamente armado e levado

²¹ JOÃO XXIII. *Pacem in Terris*. 5ª parte. Citado por JOSAPHAT, Carlo. Reformas de Base e consciência cristã. Jornal **Brasil, Urgente**. Ano I. N. 14. 16 a 22 de junho de 1963.

adiante por quadros ateus e ideologicamente higienista contra a compreensão religiosa da realidade. As reformas profundas eram compreendidas como um ato de uma revolução que já estava em curso. Essas principiariam transformações em profundidade nas estruturas econômicas, sociais e políticas arcaicas. Compreendemos que a revolução para esses cristãos traduzia-se, embora não usassem essa expressão, na realização da tradição republicana no Brasil.

Esse processo colocava dois grupos em extremos antagônicos, segundo o frade, de um lado estavam os históricos detentores dos privilégios de indivíduos, classes, regiões ou países; do outro extremo, estavam aqueles que lutavam para que os diversos direitos de cidadania fossem efetivados para todos. Os católicos deveriam alinhar-se ao lado desse segundo grupo. Citando novamente a *Pacem in Terris*, o dominicano afirma que os direitos inalienáveis da pessoa humana, sobretudo o direito à vida em condições dignas; o direito à educação e o direito à participação da vida política e social viviam o abismo entre o ideal e o real histórico, segundo as normas da Doutrina Social Cristã.²²

Nessa conferência, Josaphat trata também dos diversos níveis nos quais poderiam acontecer as reformas de base e das condições imprescindíveis para que elas acontecessem em benefício do povo. Seu discurso destaca que elas possuíam distintas compreensões e propostas. Enquanto alguns desejavam um arranjo técnico e administrativo de superfície sem mudança social, outros já a desejavam em profundidade.

Muitos privilegiados do atual processo aceitam reformas, mas superficiais; querem apenas um reaparelhamento técnico e administrativo do sistema vigente, tendo como objetivo aumentar os seus próprios lucros. Mas, rejeitam modificações estruturais que venham causar uma distribuição justa e equitativa da renda nacional e uma ascensão das camadas, mediante a participação nos lucros da administração e na propriedade das empresas, bem como a influência real e efetiva do povo na vida pública, na economia e nas decisões políticas do país.

Reformas de base, significam para nós o aumento da riqueza nacional, desenvolvimento em todos os setores industriais da agricultura e da cultura, mas acima de tudo, uma orientação democrática de nosso processo de desenvolvimento, no sentido da distribuição das vantagens e encargos para todos. Temos que acelerar a efetivação do acesso à propriedade para todos os trabalhadores, quer das cidades, quer dos campos; a extensão da educação a toda a infância e a toda a juventude brasileira.

²² JOSAPHAT, Carlos. Reformas de base e consciência cristã. **Brasil, Urgente**. Ano I. N. 14 de 16 a 22 de junho de 1963..

O desenvolvimentismo católico propunha que as reformas não deveriam ser obstáculos à revolução social que deveria ser pacífica. A revolução que se propunha a partir das reformas não consistia em retirar de uns e dar para outros e sim realizar os postulados e as exigências da justiça social dentro das possibilidades crescentes da conjuntura histórica. Elas não viriam como uma dádiva paternalista, mas seriam resultados de um amplo movimento de participação popular e dos organismos da sociedade civil organizada. Apenas dessa forma, haveria a passagem da democracia meramente jurídica para uma democracia que se efetivaria no social e no econômico.

Ao finalizar sua conferência na abertura do *Congresso*, frei Carlos Josaphat manifestou a esperança de que esse amplo movimento que se inaugurava viesse a intensificar a mobilização popular e a tomada de consciência por parte de todas as camadas sociais. Os privilégios e espoliações, de dentro e de fora do Brasil, cederiam irrecorrivelmente diante do desejo de justiça e da reivindicação pacífica, mas inabalável de todo o povo brasileiro. Chamamos atenção para o medo de que as reformas acontecessem apenas na superfície mantendo os privilégios existentes. Nesse caso, elas serviriam para evitar as mudanças profundas que o país precisava, tornando-se um ato reacionário, segundo a compreensão do dominicano.

3. Finalizando

A história política do cristianismo na república é um campo vasto de investigação. Essa afirmação, que parece ser retórica, funda-se em dois dados, a saber: a densa presença dos cristãos e das instituições cristãs na vida política republicana em todo o seu período e o pouco número de trabalhos que se empenham nessa temática. Isso é tão verificável para o catolicismo quanto para o protestantismo. Um belo trabalho poderia ser escrito para interpretar as causas desse vazio, entretanto, esse não foi o objeto desse artigo.

A esquerda católica brasileira, como demonstrado nos exemplos acima, viu-se desembaraçada em suas proposituras pelas encíclicas sociais do papa João XXIII. A recepção desses documentos repercutiu notavelmente nesse setor do cristianismo e em outros setores da comunidade política brasileira. A Igreja, aquela que seria a grande parceira legitimadora do conservadorismo do pós Segunda Guerra Mundial começa a mover-se para outros lados com esse papa. Suas críticas e incentivo ao combate ao elemento comunista cedem lugar para iniciativas ao diálogo. Abre-se mão da tradicional cultura do anátema. E, suas críticas ao liberalismo,

tradicionalmente posta no esquecimento, emergem causando fissuras na legitimidade nas forças liberais autoritárias brasileiras.

Uma das fontes com as quais trabalhamos, o jornal *Brasil, Urgente*, publicou a matéria *João XXIII: herança de paz para o mundo*, na página 11 da edição de número 13 de 09 a 15 de junho 1963. Esse hebdomadário é uma das principais expressões da esquerda do catolicismo até o golpe de Estado civil militar. Finalizamos este artigo com a citação de um trecho dessa matéria na segurança de que ele fornece elementos preciosos sobre a recepção que os católicos nacionais desenvolvimentistas tiveram desse papa:

A notícia da enfermidade e do falecimento do Papa João XXIII, abalou o mundo, repercutiu em todos os países, em todas as camadas sociais. As divisões ideológicas, os ‘muros’ e as ‘cortinas’ desapareceram como por encanto. A família humana se sente reunida, com a morte do pai. Papa quer dizer pai. João XXIII, em menos de cinco anos de um pontificado surpreendente, fez jus, como nenhum outro Papa destes últimos séculos, ao nome de pai comum da cristandade, ou mesmo, de toda a humanidade. Foi pai, não apenas porque a todos tratou-nos como filhos procurando encaminhar os homens de todas as raças, de todas as classes, e até mesmo de todos os credos, pelas vias do mútuo entendimento fraterno e da paz, mas pai sobretudo porque dando exemplo de uma maturidade humana perfeita, chamou-nos a assumir nossas responsabilidades de homens, nossos deveres de justiça e de amor para com o próximo, a incumbência que pesa por sobre os nossos ombros de cristãos adultos, para com a missão evangelizadora e social da Igreja.

5. Referências

Documentais

JORNAL **Brasil, Urgente**. Ano I. N. 1. 17 de março de 1963.

JORNAL **Brasil, Urgente**. Ano I. N. 14 de 16 a 22 de junho de 1963.

JORNAL **Brasil, Urgente**. Ano I. N. 16 de 30 de junho a 6 de julho de 1963.

JOSAPHAT, Frei Carlos Diálogos por cima dos muros. **Brasil, Urgente**. Ano I. N. 1. 17 de março de 1963.

Bibliográficas

AQUINO, Tomás. **Suma Teológica – fé, esperança e caridade**. Volume V. II Seção da II Parte. São Paulo: Loyola, 2004. Questão 23 até 46.

ARENDDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

BEOZZO, José Oscar e ALBERIGO, Giuseppe. **Herança espiritual de João XXIII – olhar posto no amanhã**. São Paulo: Paulinas, 1993.

JOÃO XXIII. Cartas encíclicas **Mater et Magistra e Pacem in Terris**. Editadas em dois volumes pela Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro 1963.

JOSAPHAT, Frei Carlos. **Estruturas a serviço do espírito**. Petrópolis: Vozes, 1968.

_____. **Evangelho e revolução social**. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2002. (Edição comemorativa dos 40 anos da obra).

KLINGER, Kurt. **O Bom humos de João XXIII**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1965.

SILVA, Wellington Teodoro da. **O jornal Brasil, Urgente – experiência de esquerda no catolicismo brasileiro (1963 – 1964)**. Tese de doutorado. PPCIR/UFJF. 2008.

Recebido em: 11/07/10

Aprovado em: 18/09/10